



mojo
BOOKS

FOR YOUR PLEASURE
• • • roxy music

recontado por Kurt Rizzo

Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da **MOJO Books**, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

Danilo Corci
organizador

Roxy Music
FOR YOUR PLEASURE
recontado por
FILIFE "KURT" RIZZO

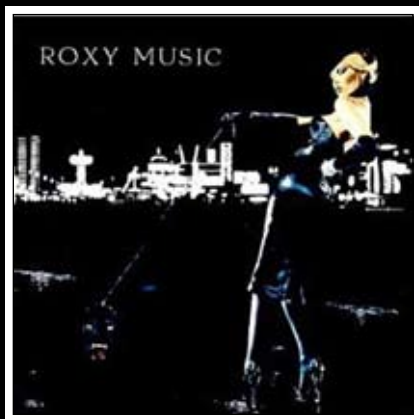
OUTUBRO DE 2008
VOLUME 80

MOJO
BOOKS

ROXY MUSIC FOR YOUR PLEASURE

recontado por
FILIFE "KURT" RIZZO

EDIÇÃO: **DANILO CORCI E RICARDO GIASSETTI**
PROJETO GRÁFICO: **DELFIN**
REVISÃO: **DANILO CORCI**
CAPA DESTA EDIÇÃO: **BRUNO FUJII**



PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM

1. Do the strand
2. Beauty queen
3. Strictly confidential
4. Editions of you
5. In every dream home a heartache
6. The bogus man
7. Grey lagoons
8. For your pleasure

ROXY MUSIC FOR YOUR PLEASURE

LANÇAMENTO: **1973**
SELO: **VIRGIN**



FOR YOUR PLEASURE

Eu e ela naquele apartamento velho e sujo, mas nosso. Morávamos no centro e me lembro quando tudo começou. Eu estava ouvindo aquela banda estranha que me chamou a atenção uma vez e desde então me fez chorar inúmeras vezes — e que me faz chorar agora ao lembrar de tudo o que aconteceu no final de semana.

Adorava olhar para o rosto dela, sempre sério e compenetrado. Eu já quase botei fogo em casa uma vez por causa disso, mas não vem ao caso. Perguntei pra ela coisas banais, como foi o dia e essas coisas. Ela sempre me respondia com o mesmo semblante, olhando pro teto, pra janela, pro lustre. Sempre do mesmo jeito e sem me responder — ela não gostava de conversar. Queria ter levado-a pra dançar, mas não pude. Meus amigos não entenderiam, disso tenho certeza. Queria também ter dado um chance para a minha ex me contar porque me deixou. As coisas nem sempre são como a gente imagina: ela me deixou e sumiu por meses. Ainda não entendo porque ela voltou pra cidade, mas não vem ao caso agora.

Quero contar sobre o fardo que carrego, por isso escrevo nessas páginas o meu tormento e espero que, ao final, o leitor não me ache um maníaco ou um louco. Sou apenas uma pessoa comum, com defeitos e qualidades

iguais aos de todo mundo. Quero desabafar nessa carta a minha história e as palavras finais sobre tudo. Abro mão dessa vida e esse será meu legado pro mundo.

Eu não esquecerei nunca: voltava pra casa — era sexta-feira — e fiquei olhando os prédios do centro. Precisava comprar algumas coisas: além de cigarros e uma bomba de encher pneu, encomendei um colchão novo que chegaria aqui amanhã, mas tive de cancelar o pedido por conta do meu estado. Até aquele momento tudo estava ótimo e eu estava louco pra chegar em casa e descansar com a minha boneca no pequeno sofá que eu consegui comprar com muito sufoco — era um sofá cinza não muito macio, havia chegado no dia anterior. Assim que sentei nele, o meu telefone tocou. Era um amigo me chamando pra sair e dando bronca por não sair mais pra beber com os amigos como antes. Disse que aceitava o convite e decidi que ia deixar Valéria em casa, já que ainda não estava pronto para apresentá-la aos meus amigos. Despedi-me dela, peguei as chaves de casa e saí. Depois de encontrar meu amigo em sua casa, fomos no Roxy, a boate nova que tinha sido inaugurada a poucas semanas atrás. E, por ironia do destino, encontrei minha ex por lá.

Sarah era uma loira que conseguia parar o trânsito e não era só por conta da cor de seus cabelos. Assim que a vi, fiquei com duas vontades incontroláveis: a primeira era de mostrar a foto que carregou de Valéria na carteira (vontade essa que não realizei); a segunda era de fumar. Fumei igual

uma chaminé para aliviar meus nervos. Mas fiquei cada vez pior, muito mais nervoso que antes. Eu quase morri quando percebi que Sarah estava vindo em minha direção. Ela foi muito normal comigo, me disse coisas banais, se abriu comigo um pouco, me contou da sua volta à cidade. Foi nessa hora que acabei deixando meu egoísmo de lado e desisti da idéia de mostrar a foto — apenas comentei que estava namorando. Ela sorriu e então me perguntou se eu queria dançar, mas eu recusei.

Ficou um clima um pouco chato mas eu não dei muita bola, pois eu estava com medo dela achar que tínhamos uma chance ainda. Não queria perdoá-la, ela havia me largado antes e não queria que isso acontecesse de novo. Ela disfarçou com um sorriso amarelo e disse que precisava ir. Ela me passou o telefone e o endereço novo dela e se foi.

Essa conversa fez com que eu me sentisse mal e decidi que ia embora. Eu já estava no penúltimo cigarro quando saí de lá e resolvi que voltaria a pé pra casa. No caminho fiquei pensando em Sarah, no trabalho de modelo dela e em todos os caras que ela poderia ter, porque ela ainda pensava em mim. Minha cabeça era um furacão de pensamentos e eu acendi mais um cigarro. Assim que cheguei, não cumprimentei Valéria, nem reparei que ela estava no chão da sala olhando pro teto. Foi engraçado ver ela deitada ali, nua. Essa visão fez todas as minhas neuroses caírem por terra. Fui em direção dela, já tirando minha roupa. Deitei-me por cima dela. Valéria só soltou um pequeno suspiro e assim se seguiu pela noite inteira. Coloquei-a pra dormir

umas quatro e meia da manhã, enquanto acendia mais um cigarro. Pensei na vida que levava, se eu estava certo em não querer demonstrar nada por alguém que ainda sentia algo por mim. Valéria, apesar de gostar sempre das mesmas roupas, ter sempre aquela mesma expressão e não gostar de conversar muito comigo era alguém que eu gostava muito. Por mais que Sarah fosse aquela mulher estonteante, eu preferia viver aquela vida com Valéria a ter de agüentar o ciúme, noites em claro, aquela sensação de insegurança — ela foi embora sem avisar uma vez, poderia fazer de novo. Valéria nunca me deu um motivo pra brigar e sentir ciúmes. Mas existe ainda algo entre mim e Sarah que eu gostaria de resolver, mas talvez nunca consiga.

Só que até ontem tudo estava bem e nada disso me preocupava. Maldita hora que resolvi abrir a porta pra alguém em casa. E justamente quem ia me trazer a tristeza que sinto agora.

Nunca esquecerei esse fim de domingo. O meu tormento começou quando a campainha tocou e eu atendi. Ela veio insinuante e me perguntou se eu podia entrar, eu acabei cedendo, mesmo não querendo. Sarah tinha um poder de sedução que eu não conseguia ignorar. Fiquei atordoado com a visita — ainda não sei como ela achou o meu endereço — e perguntei se havia acontecido algo. Ela sorriu e disse que queria me ver, saber como eu

estava e conhecer minha namorada.

Conversamos um pouco e ela disse que precisava ir ao banheiro. Quando ela saiu eu, quase infartei: Sarah me perguntou se minha namorada estava no quarto. Ela estava quase abrindo a porta quando eu senti o tempo parando, o meu sangue congelou nas veias, eu quase podia sentir meu coração se batendo contra o meu peito e querendo sair de dentro de mim. A cada batida dele eu pensava em uma solução diferente para esta situação. Acabei com a que pulou mais vezes e também a menos sensata: joguei meu copo na direção de Sarah.

É óbvio que errei, o copo caiu no chão e não quebrou — apesar de ser um copo grosso ainda não entendo porque não se quebrou. Ela então se virou e ficamos os dois num silêncio que nem uma rua às três e meia da manhã consegue fazer. Eu fiquei extremamente envergonhado com a situação e, pra piorar, ela continuou e entrou no quarto. Eu pude sentir meu coração parando quando ela abriu a porta e viu Valéria ali, deitada. Sarah ficou petrificada com tal visão. Lembro-me de ter tentado dizer todas as coisas que pude pra explicar, mesmo não tendo de explicar absolutamente nada. Mas aquela visão de Sarah estática, chocada e muda acabou por me deixar mais envergonhado ainda. Só conseguia dizer o quanto amava Valéria e como eu queria uma pessoa diferente, que não ia me abandonar. Talvez ela não tenha ouvido a nada que eu tenha dito. Só me lembro que ela se virou e saiu sem olhar na minha cara, apenas disse que eu estava louco e que não ia contar

pra ninguém — algo que eu não entendi na hora. Achei que era pena de mim, mas preferi não dizer nada. Ela saiu e então peguei o copo que estava no chão. Eu precisava muito de um drinque e de um cigarro.

Não entendo porque eu tinha de me apaixonar por Valéria? Muitas pessoas às quatro da manhã não raciocinam direito e fazem coisas idiotas. Eu poderia ter me jogado, agora pouco, da janela aqui ao meu lado se quisesse, mas preferi olhar pro céu e fazer pedidos. A noite estava linda, a lua estava amarelada como meus dentes depois de tomar café, o que me faz pensar no porque as pessoas gostam dela assim. Eu conseguia ver muitas estrelas também, o que era difícil nessa cidade cinzenta.

Naquele momento me lembrei da tristeza que senti na noite em que Sarah foi embora e como o destino, sempre ele, me trouxe de volta a vida com uma boneca como ela. Me senti o cara mais sortudo, mesmo sabendo que só eu acreditava nessa sorte e nesse amor que eram só meus. Engraçado pensar nisso agora, mas não sei como seria minha vida sem Valéria.

Depois que Sarah saiu daqui ontem, tentei conversar com Valéria, mas como sempre fiquei em meu monólogo, ela me ouvindo sempre naquele silêncio. Mas ao final do desabafo, acabei sorrindo. Lá pelas seis da tarde começou uma garoa fina, mas insisti em dar uma volta pelo bairro. Assim que pus o pé na rua, a chuva apertou — mais uma daquelas chuvas de verão — mas não desisti da minha caminhada. A chuva me purificou de meus pecados, de um modo estranho. Mas ainda queria me resolver com

Sarah. Pensei em ligar em casa pra avisar Valéria de que passaria na Sarah, mas sei que ela não atenderia o telefone. Tentei ligar pra Sarah, mas só dava caixa postal. Andei mais alguns quarteirões e peguei um ônibus, eu precisava falar com ela.

Quando cheguei lá, fiquei plantado na porta esperando por ela debaixo da chuva. Sarah então chegou de uma sessão de fotos e ficou surpresa com a minha presença. Ela me deixou entrar, me trouxe uma toalha e conversamos. Ela riu de mim e achou “bonitinho” eu ter ficado na porta esperando por ela. Não sei porque, nessa hora, eu senti uma súbita vontade de agarrá-la e atirá-la ao chão, trepar como um animal no meio da sala. Essa idéia me perturbou de uma maneira muito violenta, pois sempre acreditei que traição era para os fracos ou para os que nunca amaram. Acabamos por tocar no assunto da nossa antiga relação, ela tentou se desculpar e no calor do momento nos beijamos. Senti um remorso tão intenso que tive de ir embora. Despedi-me de Sarah e fui embora triste. Não sabia mais o que fazer, minhas crenças foram por água abaixo. Me senti o pior homem na face da Terra. A chuva não tinha parado e eu estou bem gripado agora (me desculpe pelas manchas no papel).

Bom, a história acaba aqui. Eu precisava contar tudo o que aconteceu nessa semana. Queria voltar a sentir prazer na vida, queria ter alguém que me amasse pra gente ser feliz, mas agora estou dividido e isso me corrói, não consigo conversar com ninguém, me tranco no meu quarto, olho pela

janela e choro toda vez que vejo casais e crianças na rua. Choro até ao ver novela. E principalmente, choro ao ver Valéria sempre deitada olhando para o teto. Sarah tentou me ligar, ela ainda me quer, me deixou recado na secretária eletrônica dizendo o quanto ela se arrepende de ter me deixado nesse estado. Ah, como eu queria achar outro modo de lidar com isso, Sarah, mas não acho. Estou sufocado por meus sentimentos e preciso tirá-los do meu peito. A primeira maneira de mostrar o que sinto foi por meio dessa carta. Como disse antes, meu legado pro mundo é esse. Só agora percebi onde essa estrada me levou e eu compreendo o meu destino. Eu me sentia tão protegido nos braços de Valéria, agora não sinto nada. Ainda a amo, de um modo diferente. Me pergunto a cada instante como posso viver com essa tristeza. Queria confiar em Sarah, aceitar as desculpas dela e acreditar que tudo vai dar certo, mas não por hoje. Eu não pertencço mais a esse lugar e essa vida.

Meu ato final após estas últimas linhas será a de esvaziar Valéria. Eu lembro do dia que a enchi com meus pulmões, mas a vida pede mudanças e essa é a primeira. Deixo essa carta aqui pra o futuro inquilino. Saio daqui amanhã e vou para casa de algum amigo tentar me recuperar. Termino assim, caro leitor, a minha carta. Não sei se você é um *serial-killer*, um palhaço, ou uma pessoa comum. Não importa quem você seja. Espero apenas que não me julgue por minhas palavras amargas sobre uma boneca inflável e uma modelo.



mojo
BOOKS

www.mojobooks.com.br